

três poemas

Traslação

Queria fugir do frio
e o minuano invadiu
Queria brincar na neve meu peito.
e o gêlo rachou
Queria beijar o lírio meu dedo.
e a abelha picou
Queria correr os prados meu lábio.
e a pedra feriu-me
Queria sair na chuva o pé.
e a febre molhou-me
Queria varar o rio a face.
e a água afogou
Queria comer melão meus olhos.
e a terra engoliu-me
Queria banhar o corpo a fome.
e o sol secou-me
a fonte.

BENEDITO HESPANHA

Morte na Estação

O fantasma sem alma
e com asma
se aproxima
tossindo fumaça
e
sacoleja
seu dorso
de centopéia.

Seus pulmões em descompasso
aspiram no cansaço
a cerração da madrugada
veneno da bronquite.

De chôfre,
um uivo rouco
esquicha
lancimente
no corpo ôco
da cidade.

A noite, alma inocente
treme em seu leito quente
e teme a treva da morte.

O ôlho vidrado do centauro
calcina a retina dos vivos
que são mortos por acaso.

O corpo do paquiderme
enorme se estrebucha
em convulsão de agonia.

Bufa baixo,
bufa pouco.
Chia alto,
chia muito.
Chora e range desespêro.
Ronca e arranha a ladeira.

Na barra do ferro frio,
sem fôlego,
grita em vão.
Desequilibra-se
desengonçado
nos seus pés em rotação.

Numa última convulsão
de vaivém em desatino,
cambaleia o descontrôle
para a frente
e
para trás
e estira-se
desfalecido
O cadáver estala os dormentes
e jaz
comprido
nos trilhos.

O
trem
veio
morrer
na
estação.

Estrêla

Sou homem e sou amado
Por quem confiou em mim.
Sou sol e ela estrêla,
Faiscando anos de luz.

O mundo onde vivia,
Diferia de seu sistema.
Quando os corpos se integraram,
Brilharam num mundo só.

A noite se tornou dia
Na vida que era luz
Acesa nos corações.

Amar resume o mundo
Na sinfonia da estrêla
Do sistema universal.